

“Cachorro vivo

lato e morde,

e quero mais muitos

mais mordendo

comigo a vida

que fruta rara”

(Herbert Daniel).

A pandemia do HIV/Aids vem assustando o mundo todo. Dos primeiros casos até a certeza das formas de transmissão do HIV, bem como as maneiras de prevenção, novos desafios e problemas têm surgido e criado com isso impasses não só para os que idealizam as políticas públicas de saúde como também para aqueles que vivenciam diariamente o problema.

TERESINHA CRISTINA REIS PINTO



AIDS

numa análise crítica

Assim, os primeiros casos de crianças contaminadas pelo vírus nos colocaram diante da questão do tempo de sua sobrevivência. Ao atingirem os quatro anos de idade um novo desafio: devem ou não estudar e conviver nas escolas crianças soropositivas? Superado este desafio (embora infelizmente em muito lugares do país ainda exista enorme dificuldade para integrar estas crianças no cotidiano escolar), outro nos apresenta: estão atingindo a puberdade e, já cientes de seu estado sorológico, como trabalhar com elas a questão da sexualidade e principalmente a urgência de praticar sexo seguro quando iniciarem suas vidas sexuais?

A “verdade” veiculada pela mídia nos primeiros anos de que “Aids é coisa de gay” trouxe como consequência trágica o crescimento em P. G. da epidemia nos heterossexuais e, em especial nas mulheres (em São Paulo a proporção de contaminação homem/mulher já é de 1 para 1, e 40% dos casos estão em mulheres casadas que se dizem monogâmicas); além disso cresce no mundo todo a preocupação com os chamados órfãos da Aids.

Se esta preocupação é só preocupação em países de Primeiro Mundo, no nosso caso é desespero, pois onde abrigar tais crianças num país em que a miséria, a fome e a ausência quase absoluta de políticas que atendam estas necessidades é a realidade?

A primeira descoberta que se faz ao ler o livro é que Luc Montaigner, além de cientista, é também extremamente didático, humano e apaixonado pelo seu trabalho.

Inicia seu livro agradecendo a todos os pacientes anônimos que contribuíram para suas descobertas e faz um balanço de onze anos de pandemia, contabilizando avanços e frustrações mas frisando a esperança de se obter um final feliz e apontando como fato consumado a tendência da Aids a ser uma doença crônica, tratável, como por exemplo a diabete.

Já no primeiro capítulo explica ao leitor o que é a pesquisa científica e como ele (o autor) se transformou no pesquisador que é hoje. Como não poderia deixar de ser, dedica todo um capítulo a esclarecer o

episódio da disputa com Robert Gallo pela autoria da descoberta do HIV que demorou quatro anos para terminar (com vitória justa para Luc Montaigner).

Para quem não conhece nada sobre HIV e Aids este livro é o ideal. O descobridor do vírus dedica dois capítulos à explicação sobre o vírus em geral, a biologia do HIV, as formas de transmissão, a diferença entre ter vírus e ter Aids. Atualiza as informações sobre novos tratamentos e os rumos e as tendências das pesquisas nesta área.

Todo o entusiasmo do autor neste ponto tem como contraponto a constatação da dura realidade brasileira: novos medicamentos que não estão disponíveis aos pacientes por duas razões. Em primeiro lugar porque não há uma política que defina as competências de estados e municípios na distribuição de medicamentos. Hoje, o Ministério recebe os medicamentos necessários ao tratamento da Aids (embora tais remédios não sejam de uso exclusivo dos doentes de Aids) e não define e nem responsabiliza estados e municípios a arcar com o resto. Em segundo lugar, não há controle nem regulamentação dos preços dos remédios importados, ficando o paciente ao “sabor” das imposições das importadoras. Diante deste quadro é desolador se ter a plena convicção de que hoje a terapia combinada é o melhor caminho para uma longa sobrevida e não poder lançar mão dela pela ausência dos medicamentos em quantidade suficiente.

Outro problema é a questão da total omissão da medicina privada, no caso representada pelos convênios de saúde que não atendem HIV, e a hipocrisia de grandes hospitais que não pagam nenhum imposto pois são de “utilidade pública”, como Santas Casas, Beneficências Portuguesas e outros (todos são mantidos por uma “entidade” filantrópica), que cobram o triplo do preço de uma UTI (por exemplo) para HIV, embora comprovadamente se gaste até menos com um paciente de Aids do que com um paciente pós-operado do coração. Ao contrário do que se pensa, é o sistema público de saúde o que melhores condições

TERESINHA CRISTINA REIS PINTO é biomédica, pedagoga e presidente da Associação para Prevenção e Tratamento da Aids (APTA).

Vírus e Homens – Aids, seus Mecanismos e Tratamentos, de Luc Montaigner, São Paulo, Jorge Zahar.

tem de atender às necessidades da pandemia de Aids no país, só lhe faltando recursos e, é claro, a defesa dele por parte da sociedade. Onde há organização social, mobilização social, não há omissão.

Há um capítulo inteiro sobre vacinas e novamente vemos o mestre ensinando: o que é vacina, diferença entre vacina profilática e terapêutica; esclarece todas as linhas de pesquisa nesse campo e alerta para as questões éticas que envolvem a testagem destes produtos.

Encerrando a parte didática do livro, o autor aponta as perspectivas terapêuticas atuais e elucida um a um os eixos da pesquisa em Aids atualmente em curso.

As observações do autor sobre as questões éticas que envolvem a pesquisa de vacinas são extremamente apropriadas para a conscientização da nossa população. O Brasil neste momento testa dois produtos (protótipos) para vacinas profiláticas e dois novos medicamentos. As ONGs/Aids vêm acompanhando esses protocolos e têm podido contribuir para a lisura destes. Mas é preciso envolver toda a sociedade na discussão, pois muito em breve estaremos iniciando a fase de aumento do número de voluntários para a testagem.

Montaigner não esquece de falar diretamente ao portador ou doente de Aids, a quem dedica todo um capítulo sobre o difícil desafio de viver com HIV, compartilhando com o leitor angústias e anseios. Transforma a verborrêia científica para deixar claro que é possível viver muito e com qualidade, desmistifica o medo dos exames traduzindo numa linguagem acessível o tratamento; orienta quem acompanha o portador ou doente de Aids.

Ressalta a importância das ações da sociedade no combate à pandemia traduzido pelo trabalho das ONGs (organizações não-governamentais) que, segundo ele, são parceiras fundamentais no sistema de atendimento. Encerra o capítulo dizendo que “nenhuma doença conseguiu pôr de forma tão eficaz em xeque a evolução das condições sanitárias e sociais das últimas décadas”.

De fato, o único lugar no mundo onde a pandemia decresce é na cidade de São

Francisco (EUA) onde não por acaso surgiram as primeiras ONGs/Aids e onde nada é feito sem a participação das mesmas. No dia em que o movimento de Aids no Brasil conseguir traduzir seu discurso e ampliar suas alianças, fazendo com que as pessoas compreendam que a Aids somente aguça e desnuda de forma irreversível o abandono da saúde no país, talvez aí possamos pensar num futuro mais alegre.

A quinta e última parte do livro é dedicada à prevenção. Após discorrer acerca do contexto da Aids em nossa sociedade, esclarece o famoso caso do sangue contaminado na França que levou à prisão médicos e o próprio ministro da Saúde francês. Analisa a dificuldade da implantação dos primeiros testes para a detecção do vírus, especialmente no que tange à interferência de grandes laboratórios (como a Abott).

O último capítulo é dedicado a uma reflexão sobre o futuro: a expansão da pandemia especialmente no Terceiro Mundo, a preocupação com o trabalho de prevenção, a geografia da Aids, o aumento de casos em mulheres e crianças, os órfãos da Aids, o aumento da tuberculose e, como não poderia deixar de ser em se tratando de Luc Montaigner, fundamenta cientificamente as razões para se ter muita esperança.

Exorta os pesquisadores a seguir seu exemplo: trabalhar em parceria com a sociedade organizada, não se isolar em “guetos”, e municiar sempre a população, atualizando seus conhecimentos.

Não é um livro neutro. Montaigner se posiciona logo de cara, é absolutamente claro o lado que escolheu.

Não é um livro didático para ser incluído em currículos (é também didático), é um livro que atualiza informações, mas, sobretudo, politiza a discussão da pandemia do HIV por analisar criticamente cada passo dado da descoberta dos primeiros casos até hoje. Impossível viver na era da Aids e não lê-lo. É Luc Montaigner quem diz: “A luta contra a Aids pode servir de catalisador para políticas sanitárias coerentes”.